

OPINIÃO

Tendências de tecnologia que devem ganhar força em 2026

Romain Dayan (*)

Entramos 2026 com uma tendência (ou certeza) universal: a tecnologia deixa de ser apenas um suporte de operação e passa a influenciar, de forma direta, a maneira como as empresas operam, inovam e criam valor.

Esse avanço é impulsionado pela evolução da automação inteligente. Diferentemente dos modelos tradicionais, baseados em regras estáticas, as soluções apoiadas em IA aprendem continuamente a partir de dados, permitindo decisões mais rápidas, precisas e contextualizadas. Esse impacto já é visível em áreas como atendimento ao cliente, logística, análise preditiva, meios de pagamento e mobilidade, tornando as operações mais eficientes e adaptáveis.

Outra tendência que deve ganhar ainda mais força neste ano é a incorporação da inteligência artificial desde a concepção de produtos e serviços. A IA deixa de ser um complemento e passa a integrar a arquitetura das soluções tecnológicas. Plataformas digitais e ecossistemas tecnológicos serão cada vez mais orientados por dados, oferecendo experiências mais personalizadas, seguras e centradas no usuário final.

Essa mudança altera a forma como empresas desenvolvem inovação. Produtos passam a evoluir continuamente a partir do comportamento real dos usuários, enquanto serviços se tornam mais adaptáveis às demandas de um mercado dinâmico e altamente competitivo.

Com a ampliação do uso da IA, cresce também a relevância da governança tecnológica. Questões relacionadas à ética, à transparência dos algoritmos, à segurança da informação e à privacidade de dados assumem um papel

estratégico. Organizações que investem em modelos responsáveis e alinhados às regulamentações fortalecem a confiança e a sustentabilidade de seus negócios.

Convergência tecnológica acelera a inovação

A convergência entre inteligência artificial, computação em nuvem e automação é outro fato que acelera a transformação digital. Avanços em machine learning, processamento de linguagem natural e visão computacional ampliam as possibilidades de aplicação da tecnologia, permitindo soluções mais integradas e escaláveis para desafios complexos dos negócios e da sociedade.

Até aqui, o uso da IA como ferramenta de antecipação de cenários tende a se consolidar. Modelos analíticos e preditivos passam a apoiar decisões estratégicas, ajudando empresas a identificar riscos, oportunidades e tendências com maior precisão. Organizações orientadas por dados tornam-se mais resilientes, preparadas e capazes de planejar o futuro de forma consistente.

Em empresas globais como a Edenred, a tecnologia tem sido tratada como um habilitador essencial da inovação contínua. A integração da inteligência artificial às soluções e processos, busca ampliar eficiência operacional, apoiar decisões estratégicas e aprimorar a experiência de usuários e parceiros em seus ecossistemas.

Neste contexto, o principal desafio das empresas não está apenas na adoção de novas tecnologias, mas na capacidade de integrá-las de forma estratégica e responsável. A inteligência artificial, quando bem aplicada, vai além da inovação, ela fortalece a competitividade e contribui para a criação de valor sustentável no longo prazo.

(*) Head de Tecnologia para a região das Américas da Edenred e Diretor de Tecnologia da Informação da Ticket, marca de Benefícios do Grupo.

Números da OpenAI são impressionantes

A OpenAI divulgou no domingo passado dados sobre seu desempenho financeiro e a expansão de sua infraestrutura de data centers – esses números são impressionantes.

Vivaldo José Breternitz (*)

A diretora financeira da empresa, Sarah Friar, informou em um post no blog corporativo que a receita recorrente anualizada superou US\$ 20 bilhões no ano passado. O resultado representa um avanço expressivo frente aos US\$ 6 bilhões registrados em 2024 e aos US\$ 2 bilhões de 2023. No mesmo intervalo, a capacidade instalada de data centers da OpenAI saltou de 200 megawatts para cerca de 1,9 gigawatts.

Segundo a executiva, o crescimento simultâneo da receita e do poder computacional, ambos multiplicados por aproximadamente dez em três anos, reflete uma estratégia deliberada. Friar afirmou que os investimentos em infraestrutura são vinculados a marcos de expansão do negócio. “O capital é comprometido em etapas, com base em sinais reais de demanda”, escreveu. “Isso permite acelerar quando há crescimento sem antecipar investimentos além do que o mercado justifica”.

Além da expansão, a OpenAI busca ganhos de eficiência. Friar revelou que o custo de inferência caiu para menos de US\$ 1 por milhão de tokens, resultado obtido, em parte, pela combinação de diferentes perfis de hardware nos seus data centers.

“Treinamos modelos de fronteira em hardware premium quando isso é necessário”, afirmou. “Já as cargas de alto volume rodam em infraestrutura de menor custo, em situações em que a eficiência é mais relevante.”

A redução das despesas com infraestrutura tende a ganhar mais peso. Em setembro, fontes ouvidas pelo site The Information disseram que a OpenAI caminhava para encerrar 2025 com prejuízo de US\$ 8 bilhões, US\$ 1,5 bilhão acima do previsto inicial-



XH4D_CANVA

“O capital é comprometido em etapas, com base em sinais reais de demanda”. Isso permite acelerar quando há crescimento sem antecipar investimentos além do que o mercado justifica”

Friar também sinalizou mudanças no modelo de monetização do setor. “Licenciamento, acordos baseados em propriedade intelectual e precificação por resultados devem capturar parte do valor criado”, escreveu.

Como este jornal já noticiou, publicidade passa a integrar a estratégia da OpenAI. Há alguns dias, a empresa anunciou que começará a exibir publicidade paga junto das respostas do ChatGPT.

No plano de produtos, a OpenAI prioriza agentes de IA e ferramentas de automação de fluxos de trabalho. O objetivo é permitir que usuários de seus produtos automatizem tarefas que envolvem múltiplos aplicativos, tornando esses produtos mais atraentes.

É importante saber até quando investidores continuarão apostando na OpenAI e por quanto tempo seus prejuízos poderão ser suportados.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitiz@gmail.com.

O futuro dos pagamentos B2B será híbrido, e o boleto ainda é parte dele

O ecossistema de pagamentos entre empresas no Brasil vive um momento de transição silenciosa, em que a inovação cresce ao redor de práticas consolidadas. Enquanto o varejo celebra o avanço do Pix e das carteiras digitais, o universo B2B ainda se apoia em um protagonista de longa data: o boleto bancário. E não por inércia, mas por lógica.

O Panorama do Contas a Pagar 2026, estudo que analisou mais de 315 milhões de notas fiscais e R\$ 3,7 trilhões em transações corporativas entre 2023 e 2025, mostra que o boleto segue responsável por 69,3% do valor financeiro movimentado entre empresas — mesmo após uma leve queda em relação a 2023, quando era 73,2%. Essa redução, embora visível, não sinaliza ruptura, e sim amadurecimento. As organizações estão migrando, mas com prudência: de um lado, em busca de agilidade digital; de outro, preservando previsibilidade e controle.

Enquanto isso, o boleto permanece dominante porque resolve problemas que o Pix ainda não alcançou. Ele integra-se de forma nativa aos ERPs, facilita a conciliação automática via DDA e oferece registro formal da transação, atributos essenciais para empresas com milhares de pagamentos mensais e exigências rígidas de compliance. No mundo corporativo, segurança e rastreabilidade ainda valem mais que velocidade.

Mas aos poucos a paisagem está mudando. O estudo mostra que transferências bancárias e carteiras digitais ocupam o segundo lugar em participação no valor financeiro B2B, ganhando força sobretudo em setores de alto ticket médio, como serviços, energia e setor público.

De forma similar, os depósitos ampliaram seu share de valor financeiro de 10,3%



Diego Petersen

Isis Abbud

(2023) para 11,9% (2025), especialmente em Energia (24,4%), Setor Público (22,8%) e Educação (12,8%). Em 2025, o ticket médio supera R\$ 30 mil em setores como Serviços (R\$ 31,5 mil) e Setor Público (R\$ 42 mil), sinal de que o método é usado em pagamentos contratuais e recorrentes — um indicativo de que a digitalização avança primeiro onde há governança e relacionamento consolidado entre as partes.

Enquanto isso, o Pix ainda ocupa um espaço modesto no B2B: 1,6% das notas e 0,5% do valor financeiro em 2025. Ele cresce em frequência, é verdade — dobrou sua participação nos últimos dois anos — mas ainda está restrito a operações pontuais, de menor valor ou com menor complexidade operacional. O Pix não é o vilão nem o salvador dos pagamentos empresariais. Ele é mais uma peça de um mosaico que se tornará cada vez mais fragmentado e contextual.

Essa fragmentação é saudável. Mostra que o futuro dos pagamentos B2B será híbrido e inteligente, com as companhias escolhendo o meio mais adequado conforme o contexto, o risco e o tipo de relação com o fornecedor. A eficiência aqui não está em substituir formatos, mas em integrar sistemas e automatizar o processo de ponta a ponta, reduzindo erros humanos e otimizando a gestão do fluxo de caixa.

Outro dado relevante do levantamento é que, entre as empresas entrevistadas, os principais entraves de eficiência ainda estão ligados a erros de dados, retrabalho e baixa automação nos fluxos de pagamento. É esse vácuo operacional que mantém o boleto atrativo: ele traz previsibilidade, permite conciliação automatizada e reduz riscos de erro, fatores críticos em um ambiente corporativo que movimenta trilhões de reais por ano.

O boleto, no fim das contas, não é um símbolo de atraso, e sim um reflexo da maturidade do sistema que equilibra inovação com segurança. A verdadeira transformação não está em abandoná-lo, mas em redesenhar a forma como ele é gerido. A automação (e não os “modismos”) é o que definirá o futuro dos meios de pagamento corporativo.

Inovação, afinal, não consiste em trocar um método por outro. É sobre tornar o processo mais previsível, integrado e confiável. O futuro dos pagamentos B2B será plural, conectado e, acima de tudo, inteligente. E parece que o boleto, com toda sua estrutura e estabilidade, ainda fará parte dele por um bom tempo.

(Fonte: Isis Abbud, co-CEO e fundadora da Qive).

News@TI

Energisa realiza Ideathon em busca de soluções para reduzir acidentes com a rede elétrica

Acidentes na rede elétrica são uma realidade em todo o país. Apesar dos treinamentos contínuos e das campanhas de conscientização com a população, ligações clandestinas, auto-religação, poda de árvore e pipa na rede elétrica estão entre as principais causas de acidentes que, em muitos casos, levam à morte. Com o objetivo de mudar esse cenário, a Energisa vai realizar no próximo dia 7 um Ideathon, uma maratona criativa e colaborativa em busca de ideias inovadoras e soluções. O evento será totalmente online, das 9h às 22h. Em parceria com a Hackathon Brasil, organização que promove, produz e organiza eventos de hackathon, ideathons e workshops, universitários e profissionais já formados nas mais variadas áreas, como tecnologia, inovação e engenharia, estão convidados a resolver o seguinte desafio: Como podemos desenvolver soluções (ideias e boas práticas) eficazes para minimizar os riscos e garantir maior segurança da população no manuseio e proximidade com a rede elétrica? As inscrições já estão abertas e vão até 4 de fevereiro no site do evento. Cada participante deve se inscrever individualmente, mas a participação ocorre em equipes de no mínimo três e no máximo cinco pessoas. Quem não tiver equipe será integrado a uma no momento do Ideathon. Cada participante receberá um certificado digital de participação, desde que o time tenha cumprido as atividades propostas e enviado o projeto (https://hackathonbrasil.com.br/ideathon-energisa/).

Empresas & Negócios José Hamilton Mancuso (1936/2017)

Editorias Economia/Política: J. L. Lobato (lobato@netjen.com.br); Ciência/Tecnologia: Ricardo Souza (ricardosouza@netjen.com.br); Livros: Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioph.com.br); Comercial: comercial@netjen.com.br; Publicidade Legal: lilian@netjen.com.br

Laurinda Machado Lobato (1941-2021)

Webmaster/TI: Fabio Nader; Edição Eletrônica: Ricardo Souza. Revisão: Maria Cecília Camargo; Serviço informativo: Agências Brasil, Senado, Câmara, EBC, ANSA.

Artigos e colunas são de inteira responsabilidade de seus autores, que não recebem remuneração direta do jornal.

Responsável: Lilian Mancuso

Jornal Empresas & Negócios Ltda

Administração, Publicidade e Redação: Rua Joel Jorge de Melo, 468, cj. 71 – Vila Mariana – São Paulo – SP – CEP.: 04128-080
Telefone: (11) 3106-4171 – E-mail: (netjen@netjen.com.br)
Site: (www.netjen.com.br). CNPJ: 05.687.343/0001-90
JUCESP, Nire 35218211731 (6/6/2003)
Matriculado no 3º Registro Civil de Pessoa Jurídica sob nº 103.

Colaboradores: Claudia Lazzarotto, Eduardo Moisés, Geraldo Nunes e Heródoto Barbeiro.

ISSN 2595-8410